

NARRATIVAS DA SAUDADE: GILBERTO FREYRE E A ESCRITA DE UMA HISTÓRIA REGIONAL

Francisco Firmino Sales Neto
Discente do Curso de História - UFRN
e-mail: nassausiegen@yahoo.com.br

Resumo

O artigo visa mostrar como a visão regionalista, recorrente nas obras de Gilberto Freyre, refere-se à maneira em que esse autor absorveu e recriou o espaço em que viveu. Fazendo uso da história, Freyre construiu o recorte espacial Nordeste e, ao mesmo tempo, remeteu esse espaço para um passado idealizado, do qual sentia saudades. Portanto, analisaremos duas “narrativas da saudade” (*Casa-grande & Senzala* e *Tempo morto e outros tempos*), buscando discutir o uso que Freyre faz da História em nome do regionalismo.

Palavras-chave

Gilberto Freyre; História regional; Saudade

“Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos”.
(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 66).¹

1. Introdução

¹ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 66. (Coleção descobrindo os clássicos).

Há pouco tempo, em 2003, para ser mais exato, o livro *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre completou 70 anos. Em torno dessa data travaram-se calorosos debates, em todos os recantos do Brasil e até no exterior, acerca desta que é a principal obra escrita pelo sociólogo pernambucano. Por meio dessas discussões, sociólogos, antropólogos, historiadores e amantes da obra Freyreana em geral, discutiram a importância de seus estudos para as Ciências Humanas e reiteraram o valor deste clássico ensaio para a compreensão da sociedade brasileira.

Aproveitando o ensejo destas bodas literárias, o meio acadêmico consolidou uma retomada – iniciada nos anos de 1990 – deste livro que, por muito tempo, foi considerado “livro proibido” entre a intelectualidade universitária. Havia uma aversão por parte dos intelectuais à *Casa-grande & senzala*, que se materializava em uma forte crítica dispensada à obra, por identificarem nela um pretenso posicionamento reacionário de seu autor.² Porém, conjurada essa aversão à obra e vencido o temor a suas idéias, o referido livro adentrou os cursos de formação universitária, em nosso caso, o curso de formação em História. Foi assim que podemos realizar a leitura e a discussão deste ensaio sobre a família brasileira.

Durante as discussões, foi levantada a questão de que, após *Casa-grande & senzala*, as demais obras de Gilberto Freyre, mormente *Sobrados e mocambos* e *Ordem e progresso*, seriam um eterno retorno à *Casa-grande*: Freyre seria, pois, o autor das “recorrências”. Essa afirmativa gerou um caloroso debate entre os presentes e me fez formular algumas questões, para uma das quais o presente texto tenciona buscar respostas. Todavia, com a discussão travada, essa assertiva logo foi refutada, uma vez que os argumentos usados por quem a formulou não estavam amparados por um arcabouço teórico firme.

² Acerca disso ver GARCIA, Carlos. ‘Casa grande & senzala’, 50 anos de um clássico. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 Mar. 1983.

Esquecia o crítico que *Casa-grande & senzala*, *Sobrados e mocambos* e *Ordem e progresso* compõem uma trilogia da família brasileira, cujo primeiro livro, respectivamente, vem apresentar o processo de formação familiar brasileiro, sob o regime que Freyre chamou de “economia patriarcal”, com a colonização portuguesa; o segundo estudo trata da decadência do patriarcado rural e ascensão do urbano, ocorrido no Império; e o terceiro livro aborda o advento da República, desintegrando as sociedades patriarcais. Nesse sentido, as três obras são recorrentes, pois abordam o desenvolvimento histórico de um mesmo tema: a família brasileira de cunho patriarcal. No entanto, essa recorrência não se dá enquanto repetição de informações e interpretações, posto que, em cada uma das obras, Freyre estabelece um corte cronológico distinto e utiliza uma documentação variada, logo, as interpretações a que ele chega são singulares, produzindo, ao final, uma explicação ampla e segura do processo de ascensão e declínio do mundo patriarcal.

Então, a única recorrência possível na obra de Gilberto Freyre se dá na perspectiva regional de suas obras. A sociedade brasileira é explicada a partir do Nordeste e, portanto, a partir de uma concepção regional, mas esse regional pode e deve ser entendido de forma mais ampla. Em sua obra, o regional é tomado como *locus* privilegiado para explicar a realidade nacional, pois, segundo ele, a “casa-grande do Nordeste açucareiro, ‘símbolo da primeira sociedade estável do Brasil, se transferiu depois para outras regiões, para outras culturas regionais e econômicas’”³, isto é, a base de organização da sociedade brasileira teria surgido no Nordeste e só depois sido transplantada para outras regiões do país. Só assim, compreendendo-se esse processo na região Nordeste, poderíamos compreender a sociedade cafeeira paulista e fluminense, bem como a sociedade estancieira gaúcha. Esse é o caso de *Casa-grande & senzala*, por exemplo, em que Freyre parte da observação da sociedade

³ Ibid.

de engenho, notadamente a Pernambucana, para explicar um aspecto mais amplo: a formação da família brasileira. Portanto, em Freyre, o regional é sempre nacional; é afirmando os regionalismos que a nacionalidade é gestada.

Dissipado esse “falso” problema, nos propomos aqui a realizar um diálogo entre duas obras escritas por Gilberto Freyre: *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, e, *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Nosso intuito é mostrar que a recorrência regionalista nas obras de Freyre é um dos usos possíveis da escrita da História, operando na construção narrativa de um mundo em fragmentação, cujos temores precisavam ser exorcizados, fato só conseguido num plano ideal: o da escrita.

Mostraremos, pois, a existência de um diálogo permanente entre os estudos de Freyre, diálogo mediado pela História enquanto escrita. *Casa-grande & senzala*, nosso interesse particular, relaciona-se com uma ordem discursiva criada e conduzida pela hoste de intelectuais regionalistas, congregados em torno do Centro Regionalista do Nordeste, e dialoga com outros textos regionalistas, inclusive, com outros textos do próprio Freyre. Então, será nesse diálogo que o nosso artigo irá concentrar-se, mostrando de que maneira essa recorrência regionalista é concebida na produção deste autor.

A escolha das obras supracitadas não se deu ao acaso. *Casa-grande & senzala* foi escolhida por ter sido através dela que entramos em contato com o pensamento de Gilberto Freyre, bem como pela representatividade do estudo, uma vez que este livro é considerado por todos o principal estudo realizado por Freyre, projetando-o internacionalmente.

Já no tocante a escolha do livro-diário *Tempo morto e outros tempos*, levamos em consideração motivos teóricos. Sabemos que transportamos à nossa escrita os nossos

valores, os nossos interesses, o mundo em que vivemos, etc. E quando se trata da produção de uma memória isso ocorre com maior relevo e desvelo. Nisso estamos de acordo com Ginzburg, para quem “a memória, devido à sua maior proximidade da experiência vivida, consegue mais efetivamente que a historiografia estabelecer uma relação vital com o passado”.⁴ Dessa forma, através do diário podemos chegar mais próximo do mundo vivido e re-significado por Freyre, para entendermos de que maneira seus valores foram transportados para sua obra, notadamente para *Casa-grande & senzala*, ou melhor, através de uma memória, perceberemos de que maneira Freyre agiu sobre a realidade social, recriando-a. Afinal, memória não é apenas registro, é também construção e cristalização: seja na criação de espaços, seja na produção de lembranças, seja na eternização de instantes.

Portanto, com essas obras, temos em *Casa-grande & senzala*, uma consulta a fontes inéditas para época, buscando analisar as contribuições de portugueses, de negros e de índios para a formação da família brasileira. A família patriarcal – conceito criado por Freyre – é, pois, fruto do encontro de etnias distintas, mas que, para o autor, souberam conviver em harmonia. Já no segundo livro escolhido, *Tempo morto e outros tempos*, temos a reunião dos fragmentos dispersos da juventude de Gilberto Freyre, contidos nas páginas de seu velho diário. Sendo assim, em *Casa-grande & senzala* temos uma “história da família brasileira” e em *Tempo morto e outros tempos* temos uma “memória juvenil”.

Então, entre história e memória, as obras escolhidas possuem códigos de elaboração calcados na mesma idéia: por meio da escrita valorizar-se um tempo outro, uma sociedade outra e um espaço outro, todos sendo esfacelados. Fazendo as duas obras interagirem entre si, esperamos contribuir com as análises acerca da

⁴ GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 197.

bibliografia de Gilberto Freyre, apontando elementos formadores de sua subjetividade e esclarecedores de seu pensamento.

2. *Tempo Morto e Outros Tempos: no campo escorregadio da memória*

Começada a leitura e a análise dos referidos livros, o risco logo ficou evidenciado, pois o diário de Gilberto Freyre, escrito entre 1915 e 1930, só foi transformado em livro em 1975. Todo esse distanciamento entre a produção do texto e sua publicação, por si só, não representaria problema algum para o pesquisador, mas a leitura de *Tempo morto e outros tempos...* aponta para possíveis alterações em seu conteúdo, antes do autor liberar para publicação o seu diário de adolescência e primeira mocidade.

Em sua íntegra o texto comporta uma maturidade intelectual e pessoal mais condizente a um adulto que a um jovem em “primeira mocidade”. Pensando nisso, Antonio Paulo Rezende argumenta, que o diário de Gilberto Freyre aparenta extrema informalidade, ficando “dúvidas, para quem lê, sobre se era possível tanta clarividência para alguém que esboçava suas escolhas e procurava determinar sua trajetória profissional”. Mesmo assim, não haveria como procurar, por trás do texto, sua verdade escondida, o texto original, produzido durante a mocidade do autor.⁵

Nesse sentido, o próprio Freyre afirma que seu diário fora publicado incompleto, faltando numerosos e importantes registros para reconstituição do que foi sua vida. No entanto, ainda segundo ele, essas ausências deveram-se apenas à ação do tempo e dos cupins sobre as anotações. Dentre o material que escapou teria sido mantida o respeito às impressões do adolescente, com apenas alguns pequenos

⁵ REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. Cap. 3, p. 77-79.

ajustes. Freyre, então, procurou mostrar sua idoneidade e seu respeito às idéias formuladas outrora pelo jovem escritor. Assim escreve ele: “[foi] feito um ou outro acréscimo para esclarecer obscuridades. [Foram] conservadas repetições. [E] respeitadas espontaneidades um tanto desordenadas”.⁶

Além disso, caso a obra em seu produto final de livro, tenha sofrido uma alteração, estaria sujeita a ação de uma filtragem da memória, que atuaria selecionando os conteúdos mais representativos para o autor e descartando elementos comprometedores de sua imagem. É notório, ao longo de todo o texto, que os grandes acontecimentos que determinaram a formação do intelectual renomado, Gilberto Freyre, estão presentes no diário. É assim que as experiências e os contatos estabelecidos com grandes personalidades intelectuais norte-americanas, ocorridos durante sua estada nos Estados Unidos, ganharam numerosas páginas de suas memórias, enquanto os fatos cotidianos mais corriqueiros de sua vida não despertaram o interesse do jovem para que de suas memórias fizessem parte – a não ser quando se referiam às descobertas sexuais do adolescente, que também ganharam significativas páginas do diário.

Todavia, procurar criticar esta documentação, no intuito de chegar mais próximo possível da verdade dos fatos, ou seja, da real juventude do escritor, impele o historiador a um desperdício de tempo, pois, conforme propõe Ângela de Castro Gomes, “os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas”⁷. Isto nos mostra o aspecto subjetivo existente na produção de toda e qualquer fonte de memória. Nela, texto e autor se re-elaboram produzindo uma imagem do “eu” mais condizente com

⁶ FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. vii.

⁷ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: __. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 13.

a imagem que se pretende passar. Assim sendo, a noção de verdade deve ser considerada em um outro viés. A verdade em questão deve levar em consideração o indivíduo moderno, deve ir além da cientificidade, considerando a subjetividade e, conseqüentemente, a pluralidade de sentidos.⁸

Portanto, original ou retocado o diário é Gilberto Freyre, fala de Gilberto Freyre, é parte de sua subjetividade, de sua memória, da sua relação com a sociedade e com seu tempo. Deve-se, então, buscar um “efeito lingüístico”, ou um “efeito de sentido”, ou uma “vontade de verdade”⁹ que o discurso do diário quer projetar acerca de seu autor, pois é por meio da linguagem que o indivíduo expressa seus anseios, sua relação com o mundo, transforma em experiência os conteúdos sociais recebidos, é na linguagem que o indivíduo se constrói. Como afirma Jurandir Freire Costa, “com a linguagem somos capazes de criar ou inventar coisas e eventos novos e imprevisíveis, inclusive de reinventar-nos”¹⁰. Desse modo, seja entre 1915 e 1930 seja em 1975, o importante é o Gilberto Freyre que chegou até nós como uma construção discursiva de seu diário: um homem forjado pelas elucubrações de sua memória. Memória essa que, como pensa Le Goff, transforma em informação para outrem, um objeto ou acontecimento ausente, no caso do Freyre a ausência é a sociedade

⁸ Ver Ibid.

⁹ Para cada um desses conceitos ver respectivamente:

COSTA, Jurandir Freire. O sujeito como rede lingüística de crenças e desejos. In: __. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: __. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: __. *Microfísica do poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

¹⁰ COSTA, Jurandir Freire. O sujeito como rede lingüística de crenças e desejos. In: __. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 45.

patriarcal de que fazia parte e o outrem é o leitor para quem o espaço regional é mostrado.¹¹

3. Adentrando as Alcovas: o regionalismo através da *Casa-Grande*

No que concerne a *Casa-grande & senzala*, uma questão é de extrema pertinência para podermos realizar uma comparação entre este livro e o diário: a presença de uma forte concepção regionalista do autor. Isso se deve a uma forte vinculação com o movimento regionalista-tradicionalista de 1926. Por meio desse movimento, um conjunto de intelectuais nortistas buscou utilizar suas reflexões para resolverem questões de sua região e, assim, valorizarem uma ordem que estava sendo solapada por prenúncios de modernidade. Essa nova ordem implicou em mudanças econômicas, políticas e sociais drásticas, tais como o surgimento da usina, em detrimento dos antigos engenhos; o surgimento de uma elite urbana se opondo a aristocracia rural; os novos padrões comportamentais que a cidade produziu, que já não podiam mais atualizar os valores caros para a sociedade rural. Essas mudanças criaram um forte sentimento regional que modificou as formas de alguns homens sentirem e pensarem seu lugar na sociedade.

Então, os intelectuais do início do século XX orientaram seus estudos de forma a perenizar os elementos da sociedade do engenho de que faziam parte e, assim, exorcizar os riscos da vida citadina. Como escreveu Michel de Certeau, a literatura surgida no final do século XIX e início do XX “é também o avesso de um temor: a da cidade perigosa e corruptora porque as hierarquias tradicionais aí se dissolvem. De

¹¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 424-425. (Coleção repertórios).

onde esse retorno a uma pureza original dos campos, símbolo das virtudes preservadas desde os tempos mais antigos”.¹²

Se pensarmos como Certeau, logo entenderemos porque os intelectuais se voltaram para o tradicionalismo. Em outro estudo, argumenta Certeau que “toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. (...). É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se precisa uma topografia de interesses (...)”¹³ Sendo assim, compreendemos que o lugar social da obra de Freyre é o universo regional. Gilberto Freyre, como neto de senhor de engenho, relacionava-se diretamente com a tradição agrária e, por isso, conduziu a hoste de intelectuais regionalistas. E mesmo a forte carga emotiva que recebemos ao ler *Casa-grande & senzala*, é explicada pela subjetividade do escritor, que mistura aos procedimentos científicos de pesquisa o tom informal e saudoso de seu apego ao passado.

Afinal, diante de um “admirável mundo novo”, usando um clássico título de livro, o que se vivenciava no início do século XX era a aceleração do tempo e, conseqüentemente, da própria história. As novidades surgiam a cada dia e, também a cada dia, eram superadas. Os homens tinham a sensação de desterritorialização, de incertezas, mais uma vez parafraseando, percebiam que “tudo que era sólido desmanchava no ar”. De acordo com Nicolau Sevcenko, esse período assistiu a mudanças que afetaram “desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de

¹² CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: __. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995, p. 58. (Coleção travessia do século).

¹³ Id., A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Orgs.). 4 ed. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001, v. 1, p. 18.

reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos”.¹⁴

Do que resultava a necessidade de inventar tradições para tentar manter atuais valores tão caros, mas obsoletos. A elaboração da obra *Casa-grande & Senzala*, em grande medida, responde a esse apego pela tradição. Quando Freyre constrói uma narrativa sobre um passado mítico e afortunado, no qual todos os homens eram felizes, sejam eles senhores ou escravos, o que o autor pretendia era provar pela argumentação que, não obstante as vantagens práticas do novo, a modernidade não mais permitiria o modo de vida hierárquico anteriormente existente, bem como a sensação de harmonia que esse modo de vida propiciava. Deste modo, *Casa-grande & Senzala* apareceu, em 1933, como um último apelo ao universo patriarcal do século XIX que se esvaía entre os dedos.

Essa sociedade patriarcal, formulada pelas idéias de Gilberto Freyre, para além de um conceito é uma tradição inventada, é uma construção discursiva que responde ao debate intelectual do início do século XX entre modernidade e tradição. A família patriarcal é a identificação de um homem com um tempo passado, mas que, para o autor de *Casa-grande*, deveria ainda existir no presente. De acordo com Durval Muniz, o conceito de patriarcalismo não é apenas uma descrição acerca do passado, mas uma explicação fornecida para o momento conturbado em que o autor o criou, assim escreve:

Em Freyre, esse conceito não pretende apenas descrever um modelo de família ou a forma de relação entre os gêneros. Ele tem a pretensão de descrever toda uma ordem social da qual o poder patriarcal e a família seriam os elementos nucleares. É um conceito pensado a partir do

¹⁴ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: ___. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 7.

contraste que Freyre observa entre a ordem social prevalecente até o final do século XIX e aquela que começava a se tornar dominante no início do século XX (...).¹⁵

Portanto, acredito que, em *Casa-grande & Senzala*, Freyre abre para o leitor as portas deste complexo econômico, político e social, ao qual estava associado: a sociedade senhorial; transforma a construção arquitetônica da Casa-grande em uma metáfora do mundo brasileiro de outrora, convidando o leitor a percorrer as alcovas, a capela, as dependências, o engenho, a senzala, enfim, o universo de formação da família brasileira. Freyre revive um passado do qual fez parte, recompõe este passado no presente, convidando o leitor à dele participar. Ao ler *Casa-grande & Senzala*, estaríamos nos identificando com este passado que se via eternizado, pois agora a erudição estaria a conservá-lo para sempre, independente dos rumos da civilização. Como escreveu o próprio autor,

Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o 'tempo perdido'. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade e não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos.¹⁶

4. Uma intertextualidade possível: uma aproximação entre *Casa-Grande & Senzala* e *Tempo Morto e Outros Tempos*

Essa sociologia sentimental que Freyre empreendeu em suas obras, nesse caso, em particular, uma história sentimental da *Casa-grande & Senzala*, encontra paralelo direto com as páginas do diário deste autor. Afinal, o diário como lugar de registro

¹⁵ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *Nordestino uma invenção do falo: uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003. p. 139.

¹⁶ FREYRE, Gilberto, op. cit., p. lxxv.

de nossas experiências mais significativas não está isento do aspecto emocional, ao contrário, é o lugar em que nossos escritos guardam maiores parcelas do que sentimos, estando extremamente impregnados por nossas emoções. Isso nos dá, a princípio, a possibilidade de pensar uma intertextualidade entre os dois textos, entre história e memória, entre *Casa-grande & Senzala* e *Tempo morto e outros tempos*, enfim, entre o jovem Gilberto e o renomado escritor Freyre. Essa intertextualidade é pensada aqui como o diálogo existente entre o autor e a época em que se escreve. Nesse sentido, todo texto insere-se na ordem discursiva de seu tempo, dialogando com outros textos do mesmo momento. É essa ordem discursiva que confere as condições de visibilidade e dizibilidade aos discursos, mais especificamente, ao discurso de Gilberto Freyre; determina, até mesmo, a aceitação do discurso como verdadeiro ou, pelo menos, como verossimilhante.¹⁷

Sendo assim, a leitura de *Tempo morto e outros tempos...*, independente da preocupação com sua veracidade, nos possibilita a percepção do desenrolar da elaboração de *Casa-grande & Senzala*. Não há como deixar de refletir sobre a seguinte afirmação que teria sido escrita por Gilberto Freyre, em 1930, quando estava exilado em Lisboa: “ando a garatujar o trabalho que se tornará talvez um livro como não há igual: originalíssimo”.¹⁸ Qual Freyre teria escrito esta frase, o de 1930, que sonhava em escrever uma grande obra, ou o homem maduro, de 1975, já ciente da grande repercussão de *Casa-grande & Senzala*? Inútil, pois jamais teremos essa resposta. O fato é que o diário faz referência a uma grande obra, a qual hoje sabemos existir e, de acordo com Freyre, ela teria sido escrita exatamente enquanto estava no exílio. Lembremos que *Casa-grande & Senzala* é iniciado assim: “Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com

¹⁷ Acerca disso ver FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

¹⁸ FREYRE, Gilberto, *Tempo morto e outros tempos...*, p. 251.

escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete”.¹⁹

Retornemos, pois, para acompanharmos o garatujar de *Casa-grande & Senzala* pelas páginas do diário. Para tal, realizemos as devidas comparações entre as passagens das obras de Gilberto Freyre em questão, pois se voltarmos às páginas de *Tempo morto e outros tempos...*, mais do que referências à esta obra, encontraremos as próprias idéias discutidas pelo autor nesta obra “originalíssima”, que é *Casa-grande & Senzala*, fruto de uma “aventura no exílio”.

De acordo com o prefácio de *Casa-grande & Senzala*, Freyre descreve o contato que teve com os museus de etnologia de Portugal e Bahia. Curioso é constatar que esta já era uma das preocupações do jovem Freyre enquanto estava na Europa. Acerca dos museus, Freyre deixa transparecer pelo diário que tinha o intuito de criar museus etnológicos - antropológicos quando retornasse ao Brasil, ao que escreve: “se puder, é uma das coisas culturais para a qual concorrerei, quando me reintegrar no Brasil: a organização de um museu antropológico segundo a orientação de Boas”.²⁰

Não obstante, podemos encontrar esse contato com Boas em várias páginas do diário pessoal de Freyre. Contato esse que, segundo o autor, foi de extrema importância para a elaboração de *Casa-grande & Senzala*, pois Boas levou-o a pensar as raças no seu devido valor, diferenciando raça e cultura. A partir do contato com Boas, Freyre se propôs a fazer um estudo que valorizasse os três elementos que compõem a região Nordeste e, por conseguinte, também compõem o povo brasileiro: negros, brancos e índios. Esse estudo deveria ir para além do conceito de raça, compreendendo a diferença entre elementos repassados geneticamente e elementos

¹⁹ Id., *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 37 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. xlv.

²⁰ Id., *Tempo morto e outros tempos...*, p. 89.

transmitidos por influências sociais. *Casa-grande & Senzala* trata-se, portanto, de um estudo que diferencia raça e cultura, atribuindo-lhes os valores devidos.²¹

Será, pois, por meio da miscigenação que Freyre apresentará a sociedade brasileira dos tempos coloniais. Uma sociedade definida por ele como agrária, escravocrata e híbrida. Definição alicerçada pela análise, por ele empreendida, que apresenta a família como uma unidade portadora de novas formas de organização e novas experiências culturais.

Ao fornecer a explicação para a miscigenação Freyre utiliza-se de várias análises sobre a sexualidade do homem colonial. Nesse sentido, encontramos já nas primeiras páginas de *Casa-grande & Senzala*, quando o autor transcreve um ditado aparentemente inadequado a um estudo científico, a frase “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”.²² Ao lermos frases como estas percebemos uma sociedade erotizada, fruto da forma escolhida por Freyre para representá-la: a intimidade. Encontramos páginas e páginas que versam sobre o comportamento sexual de brancos, negros e índios, sobre luxúria, desejos e toda uma infinidade de hábitos relacionados com a prática sexual.

Defendemos que isso é fruto da própria construção subjetiva do autor na adolescência – conforme as passagens de seu diário permitem concluir. É comum encontrarmos durante as duas obras passagens que conotem a emergência da sexualidade. Essa erotização da sociedade patriarcal promovida por Gilberto Freyre, pode ser entendida de várias formas: como resultante de circunstâncias específicas, definidoras da sexualidade do autor; como posicionamento assumido por ele diante deste tema; e, sobretudo, através daquilo que Foucault chamou de passagem da sociedade da “sangüinidade” para a sociedade da “sexualidade”. Na sangüinidade

²¹ Id., *Casa-grande & senzala...*, p. xlvii-xlviii.

²² Ibid., p. 10.

os indivíduos já nasciam com papéis sociais prontos: identidades herdadas; mas, o mundo moderno trouxe a sociedade da sexualidade, na qual os papéis sociais são construídos pelos indivíduos, geralmente identidades pautadas pela sexualidade. Portanto, *Casa-grande & Senzala* insere-se nessa discussão, foi escrito na passagem da sangüinidade para a sexualidade, por isso, a prevalência das explicações de cunho sexual, bem como, em *Tempo morto e outros tempos...*, a necessidade do jovem em narrar suas aventuras sexuais, forjadoras de sua identidade.²³

As primeiras páginas de *Tempo morto e outros tempos...* corroboram esta percepção. Nelas, o tema preferido são as primeiras aventuras sexuais do jovem Gilberto Freyre; tudo é exposto com muita naturalidade; mesmo com o passar dos anos e com a transformação do jovem em homem maduro, o sexo permanece como tema em destaque e como algo prosaico, mostrando indícios do comportamento liberal que Freyre mantém quando o assunto é o prazer sexual.

Ao longo de todo o diário seguem-se várias experiências sexuais: prostitutas, jovens americanas, mulatas brasileiras, sexo oral, masturbação, investidas homossexuais recusadas, etc. Essas passagens nos mostram como o autor atribuía significados às experiências que o tornavam homem maduro, pois por meio da escrita podemos nos reinventar, nos tornarmos aquilo que queremos ser; o jovem que escreve sobre sexo em seu diário, reelabora suas experiências por meio da escrita para extrair o máximo delas e, assim, construir, sua identidade de homem.

Escolhemos duas passagens de 1915, ou seja, aos 14 anos do autor, para ilustrarmos a discussão. Na primeira delas, Freyre diz estar lendo *Sexology* de William H. Walling, que seria leitura para adolescentes. Assim refere-se Freyre, “venho me controlando quanto à masturbação, cujo abuso pode prejudicar

²³ Acerca disso ver FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

principalmente o caráter em formação de um homem. Quem tem caráter se domina. Walling diz que após os quatorze anos é que o perigo se apresenta maior e que se conhecem casos de adolescentes que têm perecido de excessos de masturbação”.²⁴

Na segunda passagem, temos a narração da primeira experiência sexual de Freyre. A., como o autor define a mulatinha com quem perdeu sua virgindade, o teria transmitido as primeiras lições sobre sexo, mas o jovem temia o risco de uma possível gravidez. Ao final do ato sexual ficou a experiência, ao que diz: “ato criador de outro eu dentro do meu eu. Já não sou o mesmo. Já não posso abraçar e beijar minha Mãe como a abraçava e beijava. Nem as minhas irmãs. Sou outro. Curioso que a mulatinha tenha gemido como se eu a tivesse ferindo. E estava: a ela e a mim”.²⁵

Portanto, o jovem que escreve em seu diário as principais aventuras da descoberta sexual, nada mais faz do que atribuir significado à suas vivências, as registra, as transforma em experiência para novas ocasiões. O jovem que discute sexo com tamanha naturalidade é o mesmo que vai ter liberdade para discutir o comportamento sexual de senhores e escravos, atribuindo significado ao intercuro sexual de brancos, negros e índios na construção da sociedade mestiça que compõe o povo brasileiro.

Some-se a isso, outra grande questão, que é a miscigenação em *Casa-grande & Senzala*. Freyre recorda, ainda no prefácio da obra, marinheiros brasileiros que viu na neve branca do Brooklin. Acerca desses marinheiros assim escreve no prefácio à *Casa-grande & Senzala*: “deram-me a impressão de caricaturas de homens. (...). A miscigenação resultava naquilo”.²⁶ Se voltarmos ao diário, encontraremos essa mesma questão, acompanhada da descrição deste contato com marinheiros brasileiros que estavam nos EUA, vejamos: “vi uns desses dias marinheiros de guerra

²⁴ FREYRE, Gilberto, *Casa-grande & senzala...*, p. 4.

²⁵ *Ibid.*, p. 6-7.

²⁶ *Ibid.*, p. xlvii.

do Brasil caminhando pela neve do Brooklin. Pareceram-me pequenotes, franzinos, sem o vigor físico dos autênticos marinheiros. Mal de mestiçagem?"²⁷ Isto nos mostra uma forte circularidade de idéias entre o livro e o diário.

Por fim, temos em passagens do diário toda discussão existente entre regionalistas e modernistas, da qual Freyre foi o baluarte do regionalismo. Essa discussão é importante, pois, como já foi explicado, *Casa-grande & Senzala* é a tentativa de uma explicação da realidade nacional por meio da realidade regional, notadamente, uma explicação através de Pernambuco.

Assim sendo, já em 1921, quando Gilberto Freyre estava em Nova Iorque, temos a primeira referência à preocupação regional em suas anotações pessoais, ao que disse: “venho me orientando para o estudo dos problemas sociais e culturais sob critério regional; e para a valorização do regional nas artes”.²⁸ Para Freyre, era necessário chamar a atenção para os valores regionais que estavam sendo desconsiderados pela modernidade do início do século XX. O professor Durval Muniz argumenta que, para Freyre, “o Nordeste voltaria a ser uma região criadora desde que recuperasse suas tradições e praticasse o verdadeiro regionalismo”.²⁹

É nesse sentido, que as referências ao Congresso regionalista, a Semana da árvore, ao lançamento do *Livro do Nordeste*, enfim, a todo o movimento regionalista-tradicionalista da década de 1920 devem ser levadas em consideração no diário de Freyre, pois elas mostram como a concepção regional se tornou algo importante para o autor, de modo a pautar toda a sua obra. Então, podemos perceber pelas páginas do diário como no embate intelectual entre modernistas e regionalistas, Freyre passou de uma posição de respeito aos modernistas para uma posição de

²⁷ Id., *Tempo morto e outros tempos...*, p. 68.

²⁸ Ibid., p. 49.

²⁹ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2001, p. 89.

ataque a estes intelectuais. Em 1922, quando estava em Paris, Freyre via os arrojos modernistas como saudáveis;³⁰ já em 1924, no Recife, criticava aquele que foi o baluarte do modernismo, Mário de Andrade. Assim escreve Freyre, “o Mário de Andrade, postigo, em grande parte de sua modernice mais copiada de modernismos europeus que inspirada em sugestões da situação brasileira”.³¹ Todos os contatos que Freyre manteve com intelectuais regionalistas e modernistas, bem como elogios e críticas podem ser acompanhadas por suas anotações pessoais. Isto é extremamente importante, pois *Casa-grande & Senzala* pode ser considerado o símbolo máximo de uma valorização da nacionalidade brasileira, por meio da acentuação das peculiaridades de cada região, nesse caso o Nordeste. E, como nos escreve Durval Muniz, para Freyre “o Nordeste seria esta região não especificamente européia, como estava se tornando São Paulo, e, por isso era a região verdadeiramente brasileira”.³²

Isso posto, podemos perceber como as páginas do diário de Gilberto Freyre nos permite acompanhar a seqüência de elaboração de *Casa-grande & senzala*. Fica notório aquilo que chamei de intertextualidade, perpassando os textos; pelas páginas de um percebemos o outro e vice-versa. Nesse diálogo entre os dois livros podemos verificar as condições de possibilidade do discurso regional. As duas obras, pois, são possíveis enquanto construções discursivas de um momento histórico específico: a decadência do mundo patriarcal. É nesse contexto que o jovem elabora sua memória, bem como projeta uma obra que se impõe como apologia de uma realidade ultrapassada, só possível nas páginas de um livro. Nisso afirmo que *Casa-grande & senzala* e *Tempo morto e outros tempos...* possuem modelos de organização que permitem a recorrência de temas e informações, pois ambas narram os valores defendidos por Gilberto Freyre, de sua vida, de seu tempo; narram o pertencimento

³⁰ FREYRE, Gilberto, *Tempo morto e outros tempos...*, p. 115-116.

³¹ *Ibid.*, p.135.

³² *Ibid.*, p. 89.

do autor a um patriarcalismo já obsoleto, que não era mais possível enquanto experiência cotidiana, mas que poderia ainda existir enquanto prática discursiva e, desta forma, estaria eternizado.

5. Considerações Finais

Portanto, o que Freyre realizou em suas obras foi a utilização da escrita da história como meio de lidar com o mundo. A história regional por ele produzida e, constantemente, retomada em suas obras, dá conta de re-significar a região, atribuir-lhe o sentido desejado e, assim, manter viva sua própria identidade. Essa visão não se reduz ao escritor em questão, mas foi ele quem melhor soube usar esse tipo de discurso histórico, pois o saudosismo típico desse momento, início do século XX, serviu de lema para a região delimitada em suas obras.

Então, se a saudade é a certeza de termos vividos bons momentos, a história aparece como uma aliada dessas lembranças, pois nos dá a certeza de que esses instantes não serão esquecidos, permanecendo em constante trânsito, na possibilidade que a história tem de sempre fornecer novas explicações para o passado que os discursos registraram.

Deste modo, concluo este texto argumentando que o patriarcalismo de *Casa-grande & senzala* é, em grande medida, uma estratégia discursiva, é uma forma de recompor o presente, revivendo um saudoso passado, transformando-o em saber e em erudição; é o mesmo caso de *Tempo morto e outros tempos...*, no seu diário de adolescência e primeira mocidade Freyre constrói uma memória de seu passado, eternizando os bons momentos de sua vida, para recordá-lo num futuro incerto. As duas obras, pois, são as esperanças de perenizar uma vida, um outro tempo, uma sociedade para quando a saudade bater. São, portanto, obras saudosistas. Conforme

palavras do próprio Gilberto Freyre, esta “saudade que inclui ‘a saudade do instante que sabemos não poder reter’. Que temos que nos contentar em evocar. Ou em registrar a sensação que nos deu, como instante logo desaparecido como instante singular; e perdido num conjunto plural de instantes”.³³

³³ FREYRE, Gilberto, *Tempo morto e outros tempos...*, p. xiii.

Referências

Fontes

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 37 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Nordestino uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: __. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção travessia do século).

_____. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Orgs). 4 ed. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001, v. 1.

COSTA, Jurandir Freire. O sujeito como rede lingüística de crenças e desejos. In: __.

A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: __. **Microfísica do poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **A ordem do discurso**. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GARCIA, Carlos. 'Casa grande & senzala', 50 anos de um clássico. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 27 Mar. 1983.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira:** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: __. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: __. **Sexualidade o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. (Coleção repertórios).

LUCAS, Fábio. Gilberto Freyre: a sociologia do coração. **Leitura**, São Paulo, 6 set. 1987.

REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. Cap. 3.

